

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA À DISTÂNCIA**

Eliane Batista Porto

**REFLEXÃO DOS ALUNOS SOBRE SUAS VIDAS, SUAS FAMÍLIAS
E O MEIO ONDE VIVEM**

**ALVORADA
2010**

Eliane Batista Porto

**REFLEXÃO DOS ALUNOS SOBRE SUAS VIDAS, SUAS FAMÍLIAS
E O MEIO ONDE VIVEM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Licenciatura em Pedagogia à Distância, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título Licenciatura em Pedagogia à Distância.

Orientadores: Luís Armando Gandin e Tanara Forte Furtado

Alvorada

2010

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que no decorrer da construção deste trabalho, esteve de fato pegando em minha mão fazendo com que eu não desistisse de escrever e lutar.

Também não poderia deixar de lado quem comigo caminhou, acreditou em mim e sentiu minha ausência em muitos momentos quando precisei dedicar-me mais a estudar, que foram minhas filhas. Obrigada Samantha, Renata e Brenda por terem tido paciência comigo.

Pessoas especiais me acompanharam nesta jornada, entre elas as grandes amigas Luciana e Rejane que estiveram sempre presentes nas alegrias e dificuldades desta caminhada.

Durante todo o percurso, foram horas, dias, meses de dedicação e empenho, por isso agradeço em especial a minha mãe, irmãos e amigos que sempre torceram por mim e acreditaram na realização deste sonho.

Por fim, agradeço ao meu orientador professor Luís Armando, professora Tanara Furtado e demais professores e colegas do curso que estiveram unidos neste curso.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente as minhas filhas que estiveram sempre ao meu lado, a minha mãe e aos meus irmãos, especialmente ao meu irmão Eduardo, pelo apoio e auxílio quando mais precisei.

RESUMO

Todos nós sabemos da importância de algumas referências pessoais em nossa vida para que nós sejamos distinguidos uns dos outros, além de nossa identidade.

Partindo do questionamento de um aluno, onde o mesmo demonstrou não ter conhecimento sobre a data do seu próprio nascimento, ou aniversário, como as crianças chamam, elaborei meu projeto de estágio visando trabalhar a identidade de cada um. Então juntamente com a turma propus a construção de um boneco de pano, onde através deste os alunos pudessem refletir sobre suas vidas, suas famílias e o meio onde vivem. Assim o boneco Bruno, ganhou forma e vida.

Bruno passou então a fazer parte da turma, mas principalmente da vida dos alunos no momento em que cada um levava o boneco para casa, proporcionando a todos membros da família, momentos importantes onde o lúdico tomava conta do coração de todos. Lúdico tomava conta do coração de todos.

Este projeto foi extremamente importante, pois cada aluno conseguiu expor suas dificuldades, alegrias e os dramas vividos no dia-a-dia como por exemplo a falta de espaço dentro de suas casas, a ausência de conforto e até o tipo de alimentação das famílias, a ausência dos pais, a responsabilidade de cada membro da família.

O relato da aluna Ingrid após ter passado um dia e uma noite com o boneco Bruno em sua casa retrata toda esta questão:

“Botei ele no sofá um pouco e liguei a TV pra nós dois olhar. Meu irmão foi esquentar a comida (9 anos).

Às vezes meu pai leva nós pra casa dele.

Nós ficamos sozinhos o dia todo. Meu irmão, por nada deu um tapão na cara do Bruno e ele nem tinha feito nada pra ele, aí eu fiquei bem triste mas não briguei com meu irmão por que senão ele ia bater em mim também.

Quando minha mãe chegou do serviço, se assustou com o Bruno no sofá. Ela chegou em casa com duas visitas e fez arroz, salada de tomate e hambúrguer pra gente comer. O mano lavou a louça e eu “barri” a casa.

Só não gostei porque na hora de dormir, a mãe não deixou o Bruno dormir comigo. Ela que dormiu com ele.”

Palavras chave: família, reflexão, ludicidade

ABSTRACT

We all know the importance of several personal references in our lives that we might be distinguished from each other, and our identity.

From the questioning of a student, where it proved to be unaware of the date of his birth, or birthday, as the children call, I developed my stage design work aimed at the identity of each. So along with the gang set out to build a rag doll, where through this the students could reflect on their lives, their families and their environment. So the puppet friends, and life took shape.

Bruno then went on to join the group, but mainly students' life at the time each one took the doll home, giving all family members, important moments where the play took care of everyone's heart. play took care of everyone's heart.

This project was extremely important, because every student was able to expose their difficulties, joys and tragedies experienced in day-to-day activities such as the lack of space inside their homes, lack of comfort and even the type of food for families the absence of parents, the responsibility of each family member.

The account of the student Ingrid after spending a day and a night with the doll in his house Bruno portrays this whole issue:

"I put him on the couch a bit and turned on the TV look for us two. My brother

was heating food (9 years).

Sometimes my dad takes us to his place.

We were alone all day. My brother, for nothing gave a slap in the face of friends and he had not done anything for him, so I was very sad but did not fight with my brother for that he would hit me too.

When my mother came home from service, was startled by the sof a. Ela Bruno came home with two hits and made rice, tomato salad and hamburgers for us to eat. The brother and I washed the dishes "barri" the house.

Just because I did not like at bedtime, the mother would not let me sleep Bruno. She slept with them. "

.

Keywords: family, reflection, playfulness

ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 : Entrevista com os pais sobre a vida do aluno.....	22
Imagem 2 : ROCHA, Ruth. Capa do livro Marcelo, marmelo, martelo.	24
Imagem 3 : Confeção do boneco Bruno.....	31
Imagem 4 : Gráfico : com quem os alunos residem.....	34
Imagem 5 : Visitando o supermercado	37
Imagem 6 : Visita da vovó.....	38
Imagem 7 : A despedida de Bruno.....	45

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. REFERENCIAL TEÓRICO	13
2.1. Aprender x Ensinar	13
2.2. Conceito de identidade	14
2.3. Construir a identidade através do lúdico	14
2.4. O que é ludicidade?	15
2.5. O lúdico na sala de aula.....	17
3. DESENVOLVIMENTO	21
3.1. Início da pesquisa	21
3.2. Trabalhando o nome	23
3.3. Trabalhando a família	25
3.4. Nascimento do boneco Bruno	30
3.5. Relato da visita de Bruno	32
3.6. Quem faz parte da família?	32
3.7. Além da sala de aula.....	35
3.8. Refletindo: inocência e miséria	39
3.9. Reflexões dos alunos	42
3.10. A despedida do Bruno.....	44
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	48

1. INTRODUÇÃO

Em pleno século XXI, num contexto marcado por intensas mudanças históricas, políticas, sociais, econômicas, culturais e tecnológicas, deparei-me com um cotidiano diferente de tudo que pensava ser tão normal na sociedade neste tempo, mais especificamente no meio escolar.

A falta de conhecimento do aluno sobre si mesmo, a ausência de um pensamento crítico e a ausência de informações sobre seu nome, sua idade, data de nascimento e organização de família chamou minha atenção e motivou-me a investigar.

A escola em que desenvolvi minha pesquisa foi a Escola Municipal de Ensino Fundamental Antonio de Godoy com a turma de 2º ano do Ensino Fundamental. O número de alunos totalizava 24, sendo 10 meninas e 14 meninos com as idades variando entre sete e quatorze anos.

A realidade humilde e de baixa renda traz consigo uma clientela que na maioria vai à escola já pensando na merenda escolar.

Como fazer para que o aluno parasse para refletir sobre sua vida?

Ao dar início a um mural com as datas dos aniversariantes, percebi que mais da metade da turma não sabia o dia e mês do seu aniversário. Outros sabiam o dia, mas não sabiam o mês e outro relatou que a irmã é quem sabe de tudo direitinho e que ela avisa quando chega o dia do seu aniversário. Outra questão que chamou a atenção foi que os alunos também não sabiam qual a cidade em que nasceram e muito menos como se dá a formação do nome de uma pessoa. Depois de todas estas observações sugeri que construíssemos um boneco de pano para poder dar um nome e fazer sua história. O boneco teria que ter um nome, sobrenome, pai, mãe, registro de nascimento e até uma carteira de identidade com foto.

Este boneco que a turma idealizou, surgiu para que através do lúdico os alunos pudessem aceitá-lo e em suas vidas sendo que "Bruno" a partir do momento em que "nasceu" (foi construído pela turma) passou a ter sentimentos, apetite e vida na fantasia dos alunos.

Após a confecção do boneco, fizemos algumas combinações e também uma tabela de visitas. Bruno teria que assistir as aulas e a cada dia um aluno o levaria para sua casa. No dia seguinte, o aluno deveria contar para os colegas tudo o que aconteceu no dia anterior.

Considerando algumas atividades ditas "normais" em sala de aula, descobri que meus alunos não tinham conhecimento de sua própria identidade quando fomos montar um painel dos aniversariantes em sala de aula.

A partir daí, resolvi elaborar um questionário e enviar para as respectivas famílias, onde havia questões sobre seu nome, o porquê do nome, data de seu nascimento, certidão de nascimento e outras questões referentes ao tema.

Entre as questões abordadas tive a preocupação de valorizar o boneco, pois através dele a ludicidade, auxiliou a direcionar a importância da percepção de si como um ser social, a identidade, nosso nome, é a primeira referência no mundo social. O nome nos dá o direito de sermos nós mesmos.

Freire (1996) dá sua contribuição para o aprofundamento do lúdico apontando uma concepção diferenciada acerca do processo educativo da criança evidenciando a importância dela vivenciar corporalmente tudo que aprende na escola. (p.82)

Desta forma, contextualizando o aprendizado escolar com o cotidiano, pude contribuir para que todos conhecessem um pouco da vida de cada coleguinha, refletindo sobre seus contextos sociais e a importância do outro e de si em todos os aspectos do ser.

Pensando na realidade que envolve esta comunidade tão carente e "acostumada" com as dificuldades do dia a dia, busquei uma maneira de chamar a atenção da turma através de reflexões sobre suas vidas, suas famílias e meio onde vivem utilizando o boneco Bruno. Outros fatores como a amizade, o respeito mútuo e a importância do próximo na vida de cada um,

favoreceu esta pesquisa que contou com o elemento chave de ligação entre professor, família e escola e que manteve os alunos unidos e motivados.

Em meu projeto de estágio a proposta foi resgatar em cada aluno a sua identidade para que se sentisse importante como pessoa, pois creio que como educadora posso contribuir para que esse processo seja iniciado agora enquanto pequenos e com o passar do tempo se concretize através das atitudes no meio escolar, familiar e social.

O lúdico é o principal eixo norteador do processo de ensino-aprendizagem e é através desta perspectiva do imaginário que meus alunos puderam desenvolver com total envolvimento esta pesquisa. Através do imaginário, os alunos construíram a identidade do boneco Bruno assim como deram vida e sentimentos ao mesmo.

Buscando envolver a todos (família, escola), este projeto de criação do "Bruno" visou analisar os dados obtidos como: entrevistas, relatos, escritos, constatações, emoções, frases de impacto, aprendizagens por parte dos envolvidos nesta pesquisa a fim de estabelecer a construção da identidade, estabelecendo a diferença entre o "eu" e o "outro" fazendo assim uma reflexão sobre suas vidas, suas famílias e o meio onde vivem.

A pergunta que guiou meu trabalho de conclusão de curso é a seguinte: "Quais os resultados do trabalho com o boneco Bruno na reflexão dos alunos sobre suas vidas, suas famílias e o meio onde vivem?"

O capítulo que segue traz as referências teóricas trabalho realizado. Em seguida, trago a descrição e análise dos dados levantados na pesquisa e ao final, ofereço as minhas considerações finais.

2.REFERENCIAL TEÓRICO

Toda proposta a ser trabalhada, deve ser sempre orientada por pressupostos teóricos que explicitam as concepções da pesquisa a ser realizada.

Ao falar em educação, penso que todo trabalho teórico prático é importante, porém existem outras questões que nos garantem o bom rendimento e desempenho do educando. Mas, o que é educação?

2.1. Aprender x Ensinar

Educação engloba os processos de ensinar e aprender. É um fenômeno observado em qualquer sociedade e nos grupos constitutivos destas, responsável pela sua manutenção e perpetuação a partir da transposição, às gerações que se seguem, dos modos culturais de ser, estar e agir.

Segundo Hermínia Regina Bugeste Marinho (p.11) a educação em sua essência, é a formação do homem pela sociedade onde todos educam a todos permanentemente.

Todavia, foi preciso muita cautela e coragem para investigar e chegar bem próximo a realidade do aluno. Foi necessário ousar, descobrir e investir nas discussões, debates e resgates das opiniões.

A prática pedagógica se fez através da variedade de estímulos para melhor absorção dos conteúdos pelo aluno. No universo da criança nas séries iniciais do ensino fundamental o interesse está focado no “querer brincar”.

Freire (1989) defende uma “educação de corpo inteiro”, que, segundo ele, possui três dimensões: a educação da sensibilidade que se deu pela entrada de estímulos, a educação da motricidade que se expressou pelo movimento e a educação do símbolo, em que foi utilizado o universo da fantasia, o qual faz parte do mundo da criança e está mais próximo dela.

A partir da fantasia e do imaginário a criança adquiriu maior parte de seus aprendizados, sendo eles lúdicos, emocionais e sociais.

2.2. Conceito de identidade

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. “Um conceito antropológico de identidade”. In: *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976. Capítulo II. p. 33-52. O autor toma como referência para o estudo da identidade um trecho de um texto de Mauss, em que ele destaca o caráter axiomático da abordagem antropológica, segundo a qual o homem não pensa isoladamente, mas através de categorias engendradas pela vida social. Outro ponto que ressalta no texto é a inter-relação entre as pesquisas psicológicas e sociológicas. Oliveira propõe-se a correlacionar as noções de identidade e ideologia a partir de investigações da Psicologia sobre a primeira, e da interpretação sociológica da segunda, estabelecendo uma relação entre estas e o conceito de identidade étnica. Oliveira mostra como os conceitos de identidade e ideologia são tratados por alguns psicólogos. Para ele, a distinção entre estes dois conceitos feita pelos psicólogos prejudica o entendimento do fenômeno da identidade, pois a mesma, segundo Oliveira, é uma ideologia. Apesar de fazer esta restrição, o autor reconhece que há contribuições significativas do conceito psicológico de identidade ao conceito antropológico. Dentre elas, ele destaca a ênfase na dialética entre semelhança e diferença, o que assemelha-o ao conceito de identidade contrastiva – que, segundo Oliveira, é a essência da identidade étnica. O conceito de identidade social formulado por Erikson vê a ideologia apenas como condição da mesma. Segundo o conceito concebido por ele, ideologia é definida como um corpo coerente de imagens, idéias e ideais compartilhados.. A peculiaridade do conceito antropológico de identidade estaria, segundo o autor, no fato de que ela emerge a partir de um dado sistema de relações sociais, o que significa dizer que, qualquer estudo antropológico de identidade étnica deve levar em consideração o sistema de relações que propicia as condições de existência que geram essa identidade.

2.3. Construir a identidade através do lúdico

Identificar os próprios gostos e preferências, conhecer habilidades e limites, reconhecer-se como um indivíduo único, no meio de tantos outros igualmente únicos. Esse processo de autoconhecimento, que tem início quando nascemos e só termina no final da vida, é influenciado pela cultura, pelas pessoas com as quais convivemos e pelo ambiente. A escola, assim, tem papel fundamental na construção da identidade e da autonomia de cada criança. Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, a identidade "é um conceito do qual faz parte a idéia de distinção, de uma marca de diferença entre as pessoas, a começar pelo nome, seguido de todas as características físicas, do modo de agir e de pensar e da história pessoal".

"Para trabalhar a identidade através do lúdico mais indicado é criar situações em que os pequenos descubram suas particularidades e proporcionar a eles momentos de interação com os colegas, sejam eles da mesma idade, mais novos ou mais velhos", ressalta Cristina Rocha, psicanalista e consultora de programas de formação docente. Na opinião dela, não é exagero afirmar que praticamente todas as descobertas e brincadeiras feitas nos três primeiros anos de vida estão relacionadas à construção da identidade e à autonomia. "Nessa fase do desenvolvimento, todos os objetos manipulados são, para a criança, uma extensão de si mesma." Nessa interação, meninos e meninas procuram entender o mundo que os rodeia. Os bebês querem saber o que é cada coisa e para isso usam todos os sentidos. "O brincar é sempre um momento de descoberta. Na escola, é o momento de propor desafios que ajudem a superar limites", diz Cristina.

2.4. O que é ludicidade?

O termo "ludicidade" deriva da palavra lúdico que tem sua origem na palavra latina "ludus" que quer dizer "jogo".

Segundo o dicionário Aurélio (2006, p.553), o verbete lúdico significa "[...] relativo a jogos, brinquedos e divertimentos".

Caso achasse confinada a sua origem, o termo lúdico estaria se referindo apenas ao jogar, ao brincar, ao movimento espontâneo. O lúdico passou a ser reconhecido como traço essencial de psicofisiologia do comportamento humano. De modo que a definição deixou de ser o simples sinônimo de jogo. O Lúdico apresenta valores específicos para todas as fases da vida humana. Assim, na idade infantil e na adolescência a finalidade é essencialmente pedagógica.

A ludicidade, tão importante para a saúde mental do ser humano, é um espaço que merece atenção dos pais e educadores, pois é o espaço para expressão mais genuína do ser, é o espaço e o direito de toda a criança para o exercício da relação afetiva com o mundo, com as pessoas e com os objetos.

O lúdico possibilita o estudo da relação da criança com o mundo externo, integrando estudos específicos sobre a importância do lúdico na formação da personalidade. Através da atividade lúdica e do jogo, a criança forma conceitos, seleciona idéias, estabelece relações lógicas, integra percepções, faz estimativas compatíveis com o crescimento físico e desenvolvimento e, o que é mais importante, vai se socializando. Para Aguiar (2002),

é no ensino fundamental, por meio da fantasia e da brincadeira que a criança adquire a maior parte de seus repertórios cognitivos, emocionais e sociais. O jogo é conhecido como meio de fornecer à criança um ambiente agradável, motivador, planejado e enriquecido, que possibilita a aprendizagem de várias habilidades (p.11)

Minha maior preocupação foi fazer com que os alunos pudessem derrubar o muro que separa a escola da família. Não foi muito difícil fazer com que os alunos entrassem no mundo imaginário, pois com o boneco já construído e ganhando vida as aulas foram se desenvolvendo a partir de relatos e posicionamentos que os alunos traziam a cada dia.

Segundo Schmidt (1973), cumpre aos pais assegurar a si mesmos e aos filhos desenvolvimento pleno físico, emocional, mental, social e espiritual. Conhecer a interdependência desses vários planos: o estudo, por exemplo, depende muito da afetividade, do estímulo recebido em casa e não apenas da aptidão para compreender. É preciso também saber levar os filhos a integrar os

valores positivos do trabalho, da televisão, das leituras, dos companheiros. Criar ambiente-crescimento no lar, de modo a permitir o desenvolvimento pleno do grupo e de cada pessoa dentro do grupo, na direção exigida pela destinação eterna e no ritmo exigido pela aceleração da história.

Para Kaloustian (2000), a família é como um alicerce na vida de uma criança, pois é através de tudo que é passado por ela para a criança, por meio da educação formal ou informal, que esta estabelecerá uma base forte para se tornar um adulto com valores éticos e morais solidificados para viver em sociedade. Além disso, o convívio familiar mune a criança de valores culturais e tradições que só podem ser passados através de laços familiares. Assim a criança constrói sua identidade, sabendo de onde veio para assim idealizar para onde vai.

No entanto a realidade dos alunos que vivem praticamente como adultos mirins é recheada de compromissos. Eles acordam e já não encontram seus pais em casa. Saem para a escola e já sabem que na volta terão que preparar seu próprio almoço ou esperar que a vizinha vá até sua casa para aquecer a comida.

Além disso, também os pais, em especial nas áreas urbanas, pela própria complexidade da vida e pelas condições de seu contexto familiar, passam a exigir cada vez mais da própria escola, isentando-se assim de assumir seu papel. A família espera formação de hábitos, valores, saúde etc.

Por outro lado há aspectos bastante específicos, referentes ao dia-a-dia, que trazem obstáculos, as vezes até superáveis, como a falta de tempo em função do trabalho, sendo assim o professor se obriga a esperar o pai ou mãe no horário em que traz seu filho até o portão da escola ou quando vai buscá-lo na saída da escola.

2.5. O lúdico na sala de aula

Os educadores e pais devem estar cientes que brincar só faz bem para a criança, e que ela desenvolve, amadurece e aprende ao mesmo tempo, pois ao brincar se sente livre para criar e recriar o mundo ao seu modo. Segundo Santos (2000):

Educadores e pais necessitam ter clareza quanto aos brinquedos, brincadeiras e/ou jogos que são necessários para as crianças,

sabendo que eles trazem enormes contribuições ao desenvolvimento da habilidade de aprender e pensar. No jogo, ela está livre para explorar, brincar e/ou jogar com seus próprios ritmos, para autocontrolar suas atividades, muitas vezes é reforçada com respostas imediatas de sucesso ou encorajada a tentar novamente, se da primeira alternativa não obteve o resultado esperado (p. 166).

Ainda Redin (2000):

A criança que joga está reinventando grande parte do saber humano. Além do valor incontestável do movimento interno e externo para os desenvolvimentos físicos, psíquicos e motor, além do tato, que é a maneira privilegiada de contato com o mundo, a criança sadia possui a capacidade de agir sobre o mundo e os outros através da fantasia, da imaginação e do simbólico, pelos quais o mundo tem seus limites ultrapassados: a criança cria o mundo e a natureza, o forma e o transforma e, neste momento, ela se cria e se transforma (p.64)

Através do mundo da fantasia e da imaginação, proporcionado por um brinquedo ou jogo, a criança aprimora suas percepções, físicas, emocionais e intelectuais.

Quando o boneco Bruno chegou na casa dos alunos para passar o dia e a noite, foi recebido com carinho e até algum espanto pelos pais. Alguns deles não se importaram e deixaram seus filhos levá-lo para mesa e participar de todas as refeições e rotina da família.

Para Vygotsky:

"Quando imaginamos uma sala de aula em um processo interativo, estamos acreditando que todos terão possibilidade de falar, levantar suas hipóteses e nas negociações, chegar a conclusões que ajudem o aluno a se perceber parte de um processo dinâmico de construção." (p.111-112)

Durante meu estágio percebi a angústia e necessidade que as crianças tinham em falar. Mas ninguém as ouve! Acredito que o aluno precisa expor seus pensamentos e para minha pesquisa, o OUVIR foi questão fundamental. Todos os inícios das aulas já era rotina como até hoje faço. Antes de iniciar os conteúdos temos o momento do bate-papo. Então podemos trocar idéias, contar o que aconteceu no dia anterior, dividir com os colegas sobre um assunto muito importante ou triste. Após este momento, os alunos mais

aliviados e preparados conseguem mais concentração e ânimo para realizarem as atividades propostas posteriormente.

Içami Tiba conclui,

"É muito mais difícil ser pai hoje do que antigamente, quando o pai chegava, batia no filho e pronto. No entanto, os pais não educavam os filhos melhor que hoje. Isso que estamos passando atualmente é resultado da má educação que eles nos deram e nós sobrevivemos às nossas custas, porque eles só foram chefes, só repetiram sistemas tradicionais. Fizeram o que os pais deles fizeram e os pais dos pais deles fizeram. Vinham em uma linha da chefia do "eu olho e você obedece". Essa geração de pais de hoje, os pais sufocados, é uma geração louvável de pais, pois eles apanharam na infância, se formaram por conta própria e, lógico, não foram perfeitos. Então, acabam "apanhando" hoje dos filhos. E é por isso que os chamo de pais sufocados...(2010, Veículo Folha Dirigida-SP)

Não é difícil imaginar esta problemática nos relatos dos alunos sobre suas rotinas. Crianças que são educadas pela televisão, que passam mais de 4 horas em frente ao vídeo-game ou ao computador. Onde estão os pais? Onde estão as brincadeiras com bolinhas de gude? Cadê a hora da janta onde todos se reuniam em volta da mesa? Hoje em dia as crianças tomam suas atitudes tanto nos serviços domésticos quanto nos problemas da família. Participam das discussões, assistem as brigas dos pais (e isso não é de hoje). O jantar já é com prato na mão na frente da televisão e muito dos casos, dependendo da realidade nem mesa tem pra jantar. Pais sufocados, filhos largados e também sufocados. Por isso a necessidade de saber OUVIR AS CRIANÇAS.

Quando a criança chega a escola, continua por muitas vezes a ser tratada da mesma forma. O professor que ali está, não se sente preparado ou não tem interesse em ouvir a criança. Aqueles que o fazem são taxados mal profissionais ficam mal vistos no ambiente escolar. Além disso, seu grupo fica rotulado como "bagunceiro" e por isso ruim frente aos demais. Fugir a regra é sempre difícil e causa desconforto aos outros. Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil,

"(...) um grupo disciplinado não é aquele em que todos se mantêm quietos e calados, mas sim um grupo em que vários elementos se encontram envolvidos e mobilizados pelas atividades propostas. Os deslocamentos, as conversas e as brincadeiras resultantes desse envolvimento não podem ser entendidos como dispersão ou

desordem, mas sim como uma manifestação natural da criança.”
(vol.3, p.19).

Atividades que envolvam o lúdico, como no caso da construção do boneco Bruno, são mais barulhentas que atividades escritas, por exemplo, mas não podem ser consideradas menos importantes e fundamentais para o processo de aprendizagem da criança.

3. DESENVOLVIMENTO

3.1. Início da pesquisa

O projeto iniciou a partir de uma constatação feita por um aluno no momento em que confeccionávamos o mural dos aniversariantes do ano.

-- Professora, a senhora sabia que faço aniversário no mesmo dia em que nasci?

Este e outros questionamentos sobre as datas de aniversário de cada um começaram a surgir fazendo com que o projeto se direcionasse para algo que fosse sanar tais dúvidas.

Estava clara a necessidade de investigar e descobrir qual seria a verdadeira identidade de cada um? Quem faz parte da família? Como é o meio onde vivem?

Após todos os questionamentos e a confecção do boneco, iniciaram as visitas e com elas muitas revelações a respeito da realidade de cada aluno. Para auxiliar a pesquisa e coleta de dados mandei uma folha para que os pais

preenchessem:

The image shows a hand-drawn interview form on lined paper. At the top, there are two simple drawings of a girl's face with yellow hair and a boy's face with purple hair. Between them is a green banner with the word 'Entrevista' written in cursive. Below the banner are ten numbered questions, each followed by a handwritten answer. The questions cover the child's name, birth date and time, weight, who chose the name, why that name was chosen, the type of birth, who the child resembles, the city of birth, the mother's age at birth, the number of children, and a grade given to the mother. The form is decorated with a small heart at the bottom right.

1. O NOME DO MEU FILHO É:
Bruno Marques de Azeredo

2. ELE NASCEU NO DIA 1 / 05 / 02
AS 17:00 HS E PESOU 2.860 g como Kg.

3. QUEM ESCOLHEU O NOME PARA MEU
FILHO FOI: O papai

4. POR QUE FOI ESCOLHIDO ESSE NOME?
Porque ele gosta do dupla Bruno e
maxwell.

5. O PARTO FOI normal.

6. ELE NASCEU COM A CARA DO(A):
Papai

7. MEU FILHO NASCEU NA CIDADE DE
Porto Alegre.

8. QUANDO MEU FILHO NASCEU, EU
TINHA 16 ANOS.

9. HOJE TENHO 02 FILHOS.

10. MEREÇO A NOTA 1.000 POR SER
UMA MÃE espetacular.

Imagem 1 : Entrevista com os pais sobre a vida do aluno

Ao retornarem as fichas, percebi que a maioria foram as mães que preencheram e também esta maioria foi quem escolheu o nome para seus filhos. Isso demonstra que as mães tomaram a frente nas escolhas.

Nas reflexões das mães, suas atitudes enquanto educadoras, ao atribuírem uma nota merecida no questionário, foi sempre nota máxima como 1000 ou nota 10 e ainda complementaram como : Mães amigas, amorosas, cuidadosas e excelentes.

Os filhos em contrapartida, nem sempre concordaram com as afirmações de suas mães. Ao serem questionados sobre aquilo que foi respondido, 25% discordou das afirmações dizendo que as mães são “bem brabas.”

3.2. Trabalhando o nome

A atividade de realizar um passeio pelo pátio da escola para desenhar em uma folha de ofício coisas que estão no contexto escolar e perceber que pra tudo há um nome foi de grande valia, mas como o terreno é muito acidentado uma criança tropeçou numa barra de ferro e arranhou o joelho então neste momento de "choro" todos os alunos foram desenhar o objeto causador do acidente e escreveram o nome do mesmo.

Após esta atividade contei a história Marcelo, marmelo, martelo de Ruth Rocha que rendeu boas risadas da turma além de aguçar a criatividade dos pequenos na construção de novas palavras como: olhador, vestidor, miador.

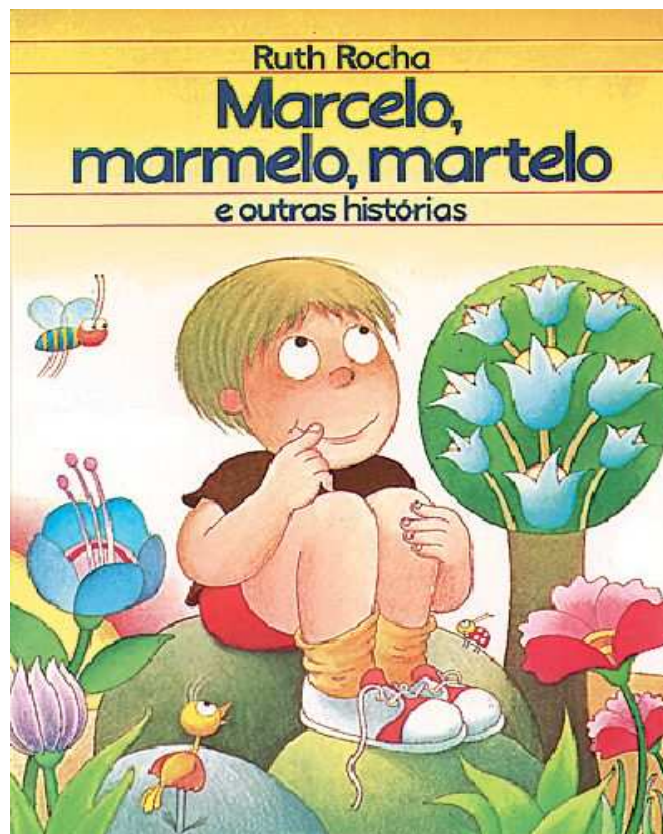


Imagem 2 : ROCHA, Ruth. Capa do livro Marcelo, marmelo, martelo.

Esta reflexão em torno no nome de cada coisa em nossa volta fez com que os alunos percebessem a importância dos nomes.

O nome como já sabemos, é um direito garantido na nossa Constituição, que consagrou o princípio da dignidade da pessoa humana. Ninguém está fadado a viver com um nome que lhe traga sofrimento, vergonha, etc. Se o nome causa constrangimento ou qualquer tipo de desagrado a uma pessoa, esta tem o direito constitucional de mudar seu nome.

Perante esta reflexão com meus alunos eles demonstraram certa surpresa, pois não tinham noção da importância do seu próprio nome. Muitos até pensavam que seu apelido é que era seu próprio nome, outros ainda nem sabiam qual seu nome verdadeiro.

Um aluno insistiu em dizer:

“- Profe, meu nome é Tique! Minha mãe disse que é! Todo mundo me chama de Tique!”

O interessante desta fala foi que os próprios colegas deram a explicação para o aluno até que ele vendo sua certidão de nascimento e cartão de vacinas, descobriu e entendeu que seu nome verdadeiro é Luiz Henrique. “Tique” era apenas o apelido.

3.3. Trabalhando a família

No ambiente informatizado mostrei no telão aos meus alunos, algumas fotos de minha família.

Professora também tem mãe, irmãos, avó, avô enfim, professora tem família.

Ao conversar com os pequenos (de 7 a 14 anos) sobre este assunto, percebo que FAMÍLIA para eles, são as pessoas que moram próximo a eles, inclusive os animais de estimação.

No momento de desenhar a família, lá estava o cãozinho, o passarinho e o gatinho.

A importância dos personagens que fazem parte da família é entendida pelos alunos pela permanência em que ficam em sua companhia.

Para entender melhor quem é quem na família, fiz algumas indagações:

- O que o irmão da minha mãe é meu?
- O que a mãe da minha mãe é minha?
- O que o filho do meu tio é meu?
- O que a filha da minha prima é minha?

Para complicar um pouco e fazer com que os alunos pensem um pouco mais, questionei:

- O que a filha da vizinha é minha?
- O que a vó do meu amigo é minha?
- O que a mulher do meu pai é minha?

Acabei dando um nó na cabeça das crianças, ou melhor, na minha cabeça, pois as respostas foram as mais surpreendentes:

- A mãe da minha mãe é minha vizinha.
- O filho do meu tio é meu amigão.

- A filha da minha prima é minha prima.
- A filha da vizinha é minha irmã (filha do pai com a vizinha)
- A vó do meu amigo é minha avó também. Toda rua chama ela de vó.
- A mulher do meu pai é minha mãe emprestada porque minha mãe tem um namorado.

Observando os relatos e opiniões, fica claro que o conceito sobre FAMÍLIA está mudado.

Membros de uma família costumam compartilhar do mesmo sobrenome, herdado dos ascendentes diretos. A família é unida por múltiplos laços capazes de manter os membros moralmente, materialmente e reciprocamente durante uma vida e durante as gerações.

Podemos então, definir família como um conjunto invisível de exigências funcionais que organiza a interação dos membros da mesma, considerando-a, igualmente, como um sistema, que opera através de padrões transacionais.

Para os alunos, o gato, o cachorro e até o papagaio fazem parte da família.

Também não é muito claro para os alunos quem são de fato os integrantes de uma família. Pensam que quem mora junto é da família e muitas vezes nem laços de família tem. O modelo de família que existia antigamente já não existe mais. Antigamente eram o pai, a mãe e os filhos, porém atualmente é só a mãe com os filhos, o pai com os filhos, a mãe, o pai, a vó, o vô e uma tia que mora na mesma casa com 4 filhos. Como vemos o conceito de família está completamente mudado.

Ainda trabalhando sobre família, construímos a árvore genealógica do Bruno para que todos entendessem como é feita e quem são os integrantes de uma família.

Interessante constatar que algumas vezes apareceu a pergunta: -Meu irmão casado é da minha família ainda?

Outro questionamento chamou minha atenção na construção do Livro da família: Um aluno desenhou seus dois irmãos. Detalhe, ele só tem uma irmã!

Veja o diálogo:

-Profe: Tu tem dois irmãos?

Lucas: Sim, mas eles moram noutra casa e são grandes.

Na hora da saída, chamei a mãe para esclarecer o assunto. Ela falou que são primos e que ele sempre se confunde. Detalhe, por que não falou na irmã?

No outro dia, fui até a mesa do Lucas e perguntei:

Profe: - Lucas, quem saiu da barriga da tua mãe?

Lucas: - Eu e minha irmã.

Profe: - Pois é, só é teu irmão ou irmã quem saiu da barriga da tua mãe. Se teu pai fosse casado com outra mulher e tivesse outro filho.....

Lucas: - Eu quebrava a cara dele!

Profe: - É só de faz de conta, calma! Mas agora me diga: - Tu tem algum irmão?

Lucas: - Não, só tenho uma irmã.

Profe: - Muito bem, agora está tudo entendido.

Este tipo de conversa jamais aconteceria se não houvesse um olhar curioso do aluno, uma atenção especial da professora, uma participação efetiva do aluno e também a oportunidade do aluno para se expressar. Como é importante OUVIR e não deixar passar em branco os questionamentos, os olhares, as intervenções.

Começamos a construir o Livro da família e só concluímos na quarta feira. O motivo foi a falta de alunos. Na terça-feira choveu e só foram a aula 11, então mudei totalmente meu planejamento, fizemos um grupo em forma de retângulo e a proposta de trabalho foi recortar de revistas 10 figuras e após colar no caderno e escrever os nomes, depois escolher 5 das palavras e escrever uma frase para cada uma. Esta é uma realidade cruel que já faz parte

da realidade deste bairro. O tempo é um "inimigo" muitas vezes do nosso trabalho pois o número de presenças cai pela metade ou até menos da metade.

Por falar em faltas, o que não pode faltar para os alunos são os professores das especializadas. Eles adoram ir para o Ambiente Informatizado e quando a professora não aparece, as crianças reclamam bastante. Observo que estão muito íntimos com as máquinas e além de fazerem suas atividades, ainda ensinam e ajudam os colegas.

Um dos pontos positivos do Ambiente Informatizado é a integração com os conteúdos de sala de aula. Esta semana combinamos, eu e a professora do A.I , que eu contaria a história do Patinho feio e ela daria continuação com as crianças. Em sala de aula, após contar a história, questionei sobre o que mais gostam em si mesmos e lancei um desafio: Se pudessem modificar algo em seu corpo, o que mudariam? As respostas sempre surpreendem:

-Queria ter olho azul.

-Queria ser branco porque é melhor.

-Queria ter cabelo loiro igual da Ingrid.

-Queria ser grande.

-Queria que tu fosse minha mãe sora.

-Queria ser bonito.

Nestas respostas é possível perceber o quanto há de carência, baixo estima, falta de afeto, aceitação da sua cor (racismo e preconceito). A fala do aluno que disse querer ser meu filho acredito ser uma questão de confiança e segurança que sentem ao meu lado. Que bom ser uma referência ou ponto de apoio para um aluno. Isso me trouxe alguns pensamentos:

" Se ensina pelo exemplo" " Ainda é possível sonhar" " Através do afeto se chega ao coração do aluno e com isso a engrenagem da aprendizagem se faz".

Percebo também o quanto tem sido valiosa a participação do Bruno nas famílias dos alunos.

Selecionei um relato da aluna Ingrid:

Prof- Conta para nós como foi teu dia com o Bruno.

Ingrid - Quando cheguei em casa botei ele no sofá pra nós dois olhar. Meu irmão foi esquentar a comida (9 anos tem o irmão). Só ele que pode mexer no fogo e eu tenho que ficar longe a mãe disse.

Prof - E tua mãe?

Ingrid - A mãe trabalha o dia todo e nós ficamos sozinhos. Eu "barro" a casa e o mano lava a louça.

Profe - Como é o nome daquilo que tu usa pra varrer a casa?

Ingrid - vassoura!

Profe - Vassoura Varre. Então o que tu faz com tua vassoura? Tu varre ou tu "barre?"

Ingrid - Varro sora (risos) Quando a mãe chegou em casa tinha duas visitas que vieram junto e se assustaram quando viram o Bruno no sofá.

Profe - O que tu mais gostou na visita do Bruno ou o que tu não gostou?

Ingrid - Gostei de brincar com o Bruno mas não gostei que meu mano bateu na cara dele e minha mãe não deixou eu dormir com ele. Ela deixou o Bruno dormir com ela!!!

Ao ouvir este relato entendo a maturidade que os alunos apresentam. Tão precoce é essa maturidade. Quanta responsabilidade naquele corpinho! Filhos de pais separados e com uma carga de compromisso que começa em acordar ao toque do despertador que a mãe já deixa ligado, depois os cuidados em proteger a irmã para que ela fique bem longe do fogo, cuidar da casa porque quando a mãe chegar tem que estar tudo arrumadinho. E a atitude violenta do irmão em relação ao Bruno acredito ter sido uma forma de aliviar a raiva ou falta de ter alguém para "bater". Criança quer e precisa de espaço para brincar e o "culpado" por isso não pode receber a agressão. Na verdade aquele soco na cara do Bruno poderia ser transferido para o pai deles que abandonou a mãe e tem outro filho. Infelizmente essas questões são frustrantes e tão íntimas ao mesmo tempo em que são tão comuns.

Quando a menina diz que a mãe trabalha o dia todo e que ela e o irmão ficam sozinhos em casa mas fazem o possível para agradar a mãe quando a mesma chegar, Tiba entende que os filhos se sentem amados pelo interesse que os pais demonstram mesmo não estando com eles o dia inteiro. E seguros quando os pais tomam atitudes repreensivas ou aprovativas, porque nelas encontram referências.

3.4. Nascimento do boneco Bruno

O momento tão esperado foi a criação do boneco onde todos participaram amassando jornal para preencher o corpinho feito de pano. Os alunos ficaram muito motivados e a escolha do nome surgiu em função de todos gostarem do colega Bruno.

A partir da primeira sugestão, outras vieram até que no momento da votação os votos foram quase que unânimes. Nome BRUNO, sobrenome TURMA de GODOY por causa da escola. A partir daí cada aluno obteve o direito de levar o BRUNO para passear na sua casa e com isso, o aluno realizou relatos desta visita.

O envolvimento com este novo integrante da turma (boneco Bruno) fez com que os alunos recebessem uma carga de motivação que norteou as aulas,

os conteúdos e também fez com que a escola em si tomasse conhecimento e interagisse com o mesmo.

Um jeito novo de trabalhar. Um socorro para os alunos que pareciam estar esquecidos dentro de uma sala de aula "sem janelas

Depois do boneco pronto iniciou-se o processo de escolhas. Quem seria o primeiro a receber a visita do Bruno em sua casa? Os alunos decidiram que o colega Bruno deveria ser o primeiro a levar o boneco para sua casa.

No outro dia, fizemos uma rodinha e o aluno relatou como foi a experiência. Enquanto o aluno relatava, eu anotava.



Imagem 3 : Confecção do boneco Bruno

3.5. Relato da visita de Bruno

Nome do aluno: L.H

Idade: 7 anos

Professora: BL me conta como foi a visita do Bruno na tua casa?

“Bah! Quando cheguei em casa, meu tio que mora na frente já me perguntou que bicho era aquele que eu carregava. Eu disse pra ele que não era bicho, mas era meu colega novo. Entrei em casa e coloquei o Bruno no sofá enquanto eu arrumava comida. Eu só ligo o micro-ondas porque minha mãe já deixa o prato servido. Ela trabalha bem cedo e meu pai só chega às 2 horas. Daí comi, assisti tevê, brinquei com Bruno no vídeo-game e quando meu pai chegou do trabalho levou um susto e queria saber o que eu tava fazendo com aquele boneco e eu tive que explicar tudo. Aí arrumei a mesa pro meu pai comer e ele foi dormir. Quando a mãe chegou do serviço, ficou bem feliz com o Bruno. Ela disse “Que bom que tu arrumou um amigo pra cuidar de ti”, então eu a mãe e o Bruno a gente foi no armazém e todo mundo falava um monte de coisa, que era legal, que era meu irmão, e até o tio do armazém deu um pirulito pra mim e outro pro Bruno. Na hora de dormir, a mãe disse que eu ia dormir com ela e o Bruno ia dormir na minha cama. Aí eu fiquei um pouco com ele lá no meu quarto e de manhã a gente se arrumou pra vim pra escola. Bah! Eu queria ficar com ele lá na minha casa, é bom pra não ficar sozinho

Para Zamberlan e Biasoli-Alves (1997), o papel dos pais, além de ser o de prover bens, sustento dos filhos, educação e preparo à educação, consiste em transmitir valores culturais de diversas naturezas. Os pais têm a missão de dividir afazeres e controlar as rotinas, as quais são assimiladas pela prole do desenvolvimento da personalidade.

Contudo, neste relato, percebo o quanto de responsabilidade o pequeno Bruno já está ciente e a sensação de solidão já se encontra presente quando ele relata “... é bom pra não ficar sozinho”

3.6. Quem faz parte da família?

Conforme Maria Montessori (ano 1992)

"A tarefa do professor é preparar motivações para atividades culturais, num ambiente previamente organizado, e depois abster-se de interferir"

Contudo, nosso papel é sim interferir e motivar. É possível notar que quanto mais trabalhamos com esse tema, (IDENTIDADE) mais novidades surgem. A construção de suas identidades e a formação da família está longe de ser aquela dos modelos de revista onde aparecem sempre o pai, a mãe e os filhos. Esse modelo já não existe mais.

Ao mostrar as fotos de minha família com minha mãe, meus sobrinhos e minhas filhas, os alunos em nenhum momento questionaram a ausência do pai das minhas filhas.

A presença do Bruno em sala de aula diariamente também fez dele um membro vivo na sala de aula. Os alunos fizeram questão de levá-lo sempre por onde íamos.

Um dia, uma aluna se queixou que a avó estava de "dona" do Bruno e nem deixava ela cuidar dele. Outra falou que o Bruno foi viajar pra praia com a vó dela por isso ele não foi a aula. O restante da turma ficou triste porque estão ansiosos para também passear com o amigo da turma.

Ao assistirmos o filme *Alvin e os esquilos*, os alunos identificaram rapidamente os membros da família em que o filme tratava. Em nenhum momento os alunos questionaram a idéia de que o homem (ser humano) poderia ser pai de três esquilos (animais).

A questão dos componentes de uma família já não é mais uma incógnita para os alunos, pois sabemos que a estrutura atual não está vinculada com os modelos antigos onde pai, mãe e filhos eram características de um a família normal.

O boneco Bruno ao entrar nas casas trouxe a realidade na formação de cada família.

Através da pesquisa e coleta de dados chegamos ao seguinte gráfico:

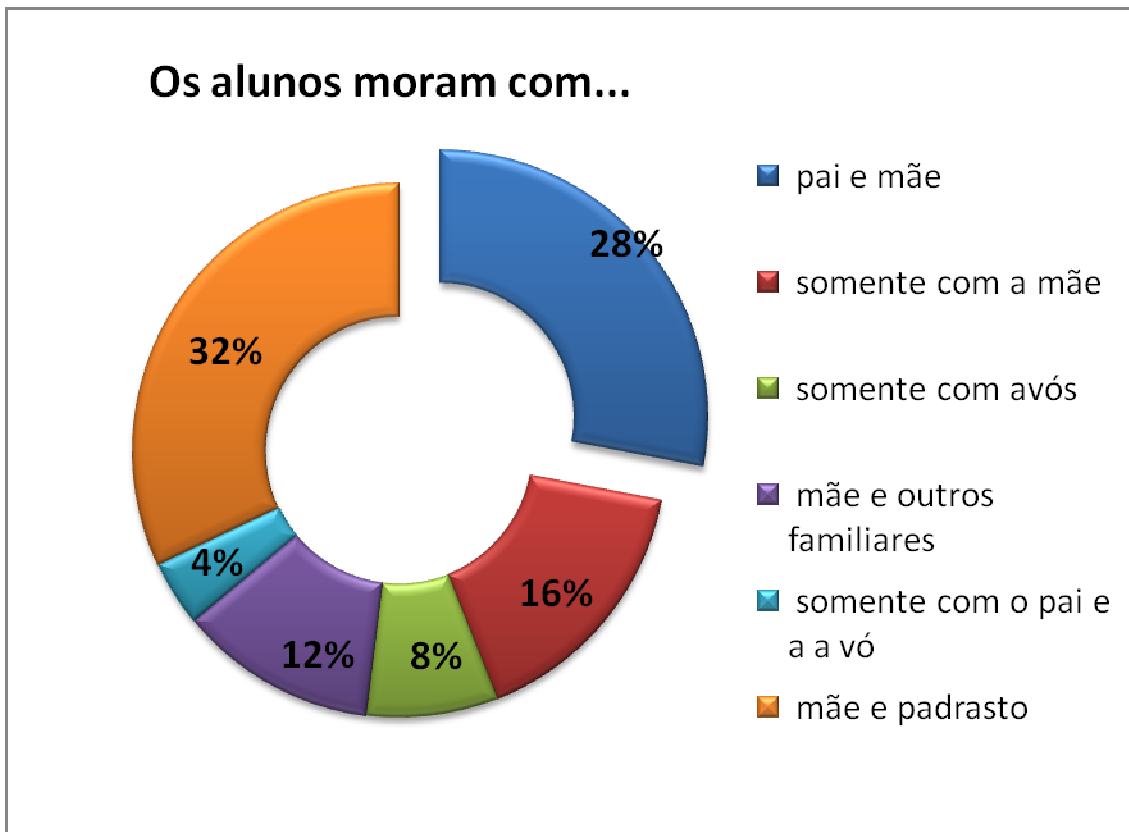


Imagem 4 : Gráfico : com quem os alunos residem

Atualmente as famílias estão mostrando uma estrutura bem diferente dos tempos de antigamente onde o referencial de família era: pai, mãe e filhos. Esta nova estrutura familiar fica visível neste gráfico que assustadoramente explicita o grande número de crianças que possui um novo modelo de família. Outra característica, bastante peculiar, nessas famílias é a extrema aceleração no processo de formação de um casal, no casamento e nascimento dos filhos, o que segundo FULMER (1995), resultará na diminuição do tempo necessário que a família deveria ter para poder passar por todos os estágios do ciclo de vida familiar.

A rapidez dos acontecimentos pode trazer como consequência uma fragilidade no desempenho do papel dos pais, principalmente da mãe, por essa assumir grande parte dos cuidados para com os filhos pois de acordo com SUSSMUTH (1988), os homens recusam assumir ou participar mais ativamente do trabalho doméstico e da educação dos filhos, com o argumento

de que são menos aptos para essas atividades e que lhes falta uma profunda relação com a criança. A mãe diante de todas essas responsabilidades, acaba desempenhando o seu papel de forma frágil, sem reflexão e à medida que os filhos crescem por não os ter preparado para o futuro, não dão conta de supervisioná-los como quando eram menores.

Conhecer o papel de cada membro e as vivências da família construídas ao longo de cada estágio de evolução em que passa, principalmente em se tratando de famílias em situação de pobreza, por terem uma realidade bastante diferente, possibilita ao enfermeiro compreender como se dá a organização familiar, auxiliando o atendimento das demandas de cada um dos membros.

3.7. Além da sala de aula

.. Quando propus a visita ao Supermercado consegui trabalhar o trajeto, a escrita, a oralidade ao fazer a entrevista, os cálculos ao somar e diminuir os produtos básicos para boa alimentação, além de repensar o consumo de salgadinhos na hora do lanche.

Quando tratamos do assunto alimentação e guloseimas um aluno disse:

“- Profe o Bruno não está comendo nada por causa que ele não pára em pé!”

Então conversamos sobre a alimentação saudável e perguntei:

- O que nos faz ficar em pé? Pedi para que um menino fosse até a frente da turma e levantasse a camisa. Então os alunos perceberam os ossos que podem ser visualizados ao encher os pulmões de ar. Fizemos então um exercício de investigação no próprio corpo. Cada um foi dizendo onde achava. É possível perceber assim a realidade dos alunos e a verdadeira estrutura de família. Cabe aos alunos refletirem sobre a formação de suas famílias e como suas vidas estão organizadas ou não.

Nossa visita no Supermercado foi um sucesso, pois rendeu mais que o planejado. Os alunos foram com seus cadernos e passearam pelos corredores do estabelecimento desenhando e escrevendo (da sua maneira) os produtos que achavam ser importantes para sua saúde. Ainda elaboramos em sala de

aula uma entrevista que foi realizada no final da visita. A dona do Mercado ficou muito alegre ao ser fotografada e entrevistada e contou a história da fundação do mesmo. Após, nos despedimos e em sala de aula os alunos fizeram uma carta de agradecimento endereçado a dona do Supermercado por nos receber. Todos os alunos elaboraram um pequeno bilhete com desenhos e frases que posteriormente foram anexados a cartolina.

O questionamento que derivou toda a reflexão sobre nosso corpo e nos levou a pensar sobre nossa alimentação e também nos motivou a visitar o super mercado:

- Profe, a gente tem um esqueleto dentro da gente!

Os alunos ao redor se deram conta disso e perguntei mais uma vez:

Se temos ossos para ficar em pé, de que mais precisamos para poder caminhar, estudar, brincar?

Podemos comer salgadinho e tomar refrigerante todos os dias?

Arroz e feijão alimentam?

Posso tomar refrigerante todos os dias?

Mascar chiclete é bom pra saúde?

Quem toma leite no café?

Logo em seguida fomos listando os alimentos mais consumidos por eles em suas casas e contávamos quantos alunos gostavam do alimento. Descobrimos então, que o colega M.B não gosta de praticamente nada. Ele só levantou a mão para uva e arroz, pois o restante dos alimentos ele disse que não come porque não gosta. Quero questionar sua mãe quando esta aparecer na escola pois isso é preocupante já que o menino tem 9 anos, é repetente, faz acompanhamento psicológico e fonoaudiológico.

Outra atividade interessante foi construir um cardápio para o Bruno onde os alunos foram bem cautelosos em colocar muitas verduras e frutas. O interessante foi que eles se esqueceram do principal: o leite.



Imagem 5 : Visitando o supermercado

Quando fomos ao Supermercado solicitei aos alunos que observassem ao redor o trajeto, as placas, a rua, as casas, enfim, por isso fazer o desenho do trajeto nem foi difícil para eles e descobri que as crianças são excelentes observadoras. A maioria das coisas que eles perceberam eu nem sequer tinha notado.

Um dos resultados do trabalho com o boneco Bruno também foi possível perceber, foi com a dona do estabelecimento comercial. Ela não se intimidou e relatou sua alegria

"[...] professora, já trabalho aqui há tantos anos e nunca ninguém fez nada parecido aqui. Fiquei muito emocionada com os bilhetinhos das crianças. Vou colocar numa moldura de vidro, mas por enquanto vou deixar pendurado bem aqui pra todo mundo ver."

Como é importante um simples gesto de carinho e agradecimento que pode transformar o pensamento de uma pessoa, pois quando Dona Mari falava seus olhos se enchiam de brilho. Na verdade, existe uma grande carência afetiva que se mostra através do olhar de uma criança e também de um adulto.

Neste sentido, também foram convidadas algumas avós que deram seus depoimentos a fim de relatarem aos pequenos sobre suas experiências

de vida. Um momento único que causou espanto, curiosidade e emoção ao refletirem sobre suas vidas e suas rotinas do dia a dia.

Os alunos puderam fazer um paralelo de suas vidas, suas facilidades do mundo moderno com as dificuldades encontradas pelas avós no tempo passado.



Imagem 6 : Visita da vovó

Claro que foram relatos recheados de vida, sabor e emoção. As avós contaram de suas dificuldades e do respeito que havia entre pais, alunos e professores. O que o professor falava era lei! Se o professor batia com a palmatória ou deixava o aluno de joelhos nos grãos de milho era motivo para os pais darem outro castigo quando chegassem em casa. Uma das avós relatou o seguinte:

"No meu tempo as coisas não eram fácil não. Eu ia pro colégio e quando eu voltava tinha que tirar o sapato do meu pé e dar pro meu irmão usar pra ele ir pro colégio também. Deus o livre a gente se atrasar ou chegar no colégio com a roupa suja. O uniforme tinha que ser bem limpinho e bem branquinho. A mãe ia pra lavora trabalhar e eu cuidava da casa e do meu irmão que era menor que eu. Um dia minha mãe mandou eu matar uma galinha, eu só tinha 7 anos e não tinha ideia como ia fazer aquilo. Então amarrei as pernas da galinha e pisei na cabeça dela e com o machado dei bem no pescoço dela! A coitada saiu correndo e pulando pelo pátio e era sangue pra todo

lado, mas eu matei a galinha e depois passei água quente e tirei todas as penas. Quando minha mãe chegou em casa da roça, eu já estava com a galinha limpinha e toda faceira porque tinha conseguido matar o bicho. Não era nada fácil como hoje em dia. Vocês nem sabem o que é passar trabalho na vida. Aqui na escola vocês tem tudo do bom e do melhor . Eu nunca tive canetinha, nem existia isso. Mas o capricho da letra era muito melhor que hoje e os cadernos eram feitos de papel de pão que a gente passava com ferro a brasa e grudava as folhas com clara de ovo. Nossa! Até dá uma saudade daquele tempo."

Esse relato emocionou os alunos porque a avó começou a falar e gesticular e não parava mais. Ela demonstrou grande euforia e os alunos foram envolvidos na emoção das histórias contadas.

3.8. Refletindo: inocência e miséria

Há quem diga que todas as noites são de sonhos.

Mas há também quem garanta que nem todas, só as de verão.

Mas no fundo isso não tem muita importância.

O que interessa mesmo não são as noites em si, são os sonhos

Sonhos que o homem sonha sempre.

Em todos os lugares, em todas as épocas do ano, dormindo ou acordado." (Shakespeare)

Através do relato dos alunos abaixo, foi possível perceber suas frustrações quanto aos sonhos e desejos de uma vida melhor:

Nome do aluno: I.T

Idade: 8 anos

" Profe, quando cheguei em casa com o Bruno minha mãe levou um susto e disse __ De onde saiu esse boneco horroroso? Aí fiquei triste mas achei muito legal ficar com ele e também gostei de dançar com ele. Ele só comeu maçã, banana e pão e na hora de comer ele dormia. Eu levei ele pra lavar a louça comigo lá na rua porque a pia é do cara que mora no pátio. A

gente vai lá atrás da casa até quando ta escuro e eu vou e volto correndo porque tenho medo. Ainda bem que levei o Bruno junto porque tenho medo."

Outro relato que me chamou a atenção foi do Bruno (aluno com 8 anos) ela contou que sua mãe não deixou ele jogar vídeo game com o boneco porque estava de castigo Seu irmão de 11 anos o "enforcou". Ele disse que seu irmão sempre faz isso com ele e quem fica de castigo é ele e não o irmão. Ao ouvir este relato confesso que meu sentimento foi de uma certa revolta misturada com pena, pois os olhos do menino se encheram de lágrimas.

Nome do aluno: M.E

Idade: 7 anos

Professora: P

P: E aí M.F, como foi a visita do Bruno?

M.E: Profe, eu dormi com o Bruno pros pés aí os gatos subiram em cima.

P: Tu dorme com os gatos?

M.E: É só dois gatos e um deles ficou preso no sofá cama e quase morreu esguelado. Tem mais uma coisa, botei o Bruno no carrinho de bebê, joguei vídeo-game com ele, aí quando coloquei ele na mesa pra comer a mãe disse que a gente ia comer no sofá porque meu pai tava com as coisas do serviço em cima da mesa.

P: Aconteceu mais alguma coisa que tu queira contar?

M.E: Meu pai trabalha em dois serviços e a mesa é só dele. Meu pai vai tirar a carteira de motorista porque o carro é do vô mas ele ta muito velho pra dirigir e a mãe sempre diz : " Mas a gente sempre tem uma saída, Deus sempre mostra" e meu vô sempre fala: "Vou morrer e não vou ver o mar" Meu pai vai tirar a carteira pra dirigir e levar meu vô e minha vó pra conhecer o mar.

P: Que bom que teu pai vai levar teus avós pra conhecer o mar.

M.E: Profe, eu falei pra minha mãe " Vamos sair com o Bruno por aí, não vamos ficar aqui parada com ele" Aí fui na casa dos parentes.

Confesso que este relato me remeteu às lembranças de infância e percebo o quanto as crianças são frágeis e sensíveis. Todas as nossas

práticas, atitudes e olhares são lançados e recebidos pelos alunos que absorvem nossas angústias e ansiedades.

Outro relato foi no bate-papo de segunda-feira.

Assunto: Dia das mães

Aluno: L.H

Idade: 7 anos

P: Como foi o dia das mães? Alguém presenteou sua mãe?

L.H: Eu dei um jogo de panela e uma máquina de lavar roupa.

P: Quem comprou?

L.H: Eu né! Peguei um cheque cheguei lá e disse pro cara me dar uma máquina de lavar roupa.

P: Qual loja tu foi?

L.H: Ah, fui na Casa Bahia e pedi pro cara uma máquina de lavar depois fui na Colombo e comprei umas panelas.

P: Como tu carregou?

L.H: Os cara me ajudaram aí botaram num carrinho e largaram na frente da minha casa. Ah! Comprei um "NET BUQUE" também mas minha irmã ficou triste e eu comprei um "NET BUQUE" pra ela também. Elas ficaram feliz daí.

P: E tua mãe, o que disse?

L.H: Brigado meu filho, não precisava.

P: Como é o "NET BUQUE"?

L.H: É quadrado, tem letras espalhadas do alfabeto e é roxo e branco.

Para Içami Tiba (1996 p.34)

“A briga de custos é a briga da escravidão. A mãe torna-se escrava das necessidades ou vontades do filho. E o filho torna-se impotente, portanto escravo do atendimento da mãe.”

Neste sentido, a família começa a refletir sobre o que está passando para seu filho em termos de necessidades e dificuldades do dia a dia. A criança sente, percebe tudo o que existe em sua volta e tudo o que ele vê pela

televisão, conseqüentemente, em sua imaginação faz planos e almeja por um futuro melhor com conforto e recursos que em seu entendimento é o modelo para felicidade.

3.9. Reflexões dos alunos

A partir do momento em que os alunos percebem através dos diálogos e trocas de experiências, que existe uma história de vida e que não são apenas um ser qualquer, porém um ser especial e único, as dúvidas e curiosidades começaram a surgir.

Ao parar e refletir sobre sua identidade, os alunos falam sobre sua data de nascimento:

“- Acho que foi em 2002 porque tenho 7 anos.”

“- Acho que nasci no dia que tenho uma foto no colo da minha mãe lá “num hospital.”

-“ É só ver o ano que a gente tá e diminuir até o dia que a gente nasceu.”

-” Nasci dia 09 de junho e o aniversário é 08 de outubro.”

- “Foi em 2002. Minha mãe sempre fala que foi em 2002.”

- O documento do hospital tem escrito o dia que eu nasci.

- A doutora marcou até a hora que eu nasci e depois ela falou pra minha mãe.

A medida que os dias foram passando percebi a facilidade e vontade que os alunos demonstravam em realizar novas atividades e descobrir sobre si próprios. Eles não queriam ficar apenas no quadro e giz. Queriam sim, fazer coisas diferentes e aí me perguntei: "Com o estágio e as propostas do curso estou fazendo meu aluno mais crítico e exigente? Acredito que sim pois o objetivo é este mesmo. Trabalho, trabalho, trabalho e muita criatividade para atingir os objetivos. Planejar sim, mas não se prender demais ao planejamento. Aproveitar as oportunidades e as curiosidades dos alunos sempre. Desta maneira pude observar que ao oportunizar todos os momentos de ludicidade através do boneco Bruno que visitou as casas dos alunos, várias colocações

como :hábitos familiares, tipos de moradias, alimentação e até relacionamentos puderam vir a colaborar para o crescimento de todos.

As reflexões realizadas pelos alunos a respeito das suas datas de aniversário foram surpreendentes e ao mesmo tempo tão inocentes maneiras de relacionar a sua data de aniversário com a sua história de vida e nascimento.

Um momento que mexeu muito com a emoção da turma foi o dia que estava explicando sobre gênero masculino e feminino. Falava sobre os animais que para se reproduzir, terem filhotes, precisam ser um masculino e outro feminino ex: o gato e a gata, o coelho e a coelha, o leão e a leoa e assim por diante (todos iam participando através da fala em coro). Aproveitei o momento para falar sobre as atitudes de cada um em sua casa, em sua família, falei sobre a importância em ser útil, juntar uma louça, arrumar a cama, enfim, disse que todos gostam de ter uma criança educada por perto, então o aluno Bruno levantou a mãozinha e falou:

- Meu pai nunca mais veio me ver. Ele me enchia de carinho e agora acabou tudo (ele tremia o queixo e encheu os olhos de lágrima). Após este desabafo a turma ficou num silêncio que parecia estar vazia. Fui então até a mesa do Bruno e falei: - Bruno, não é bem assim, os adultos estão sempre sem tempo, quem sabe teu pai está trabalhando muito e não consegue ir te ver.

Mais uma vez ele complementou:

- Minha mãe teve três filhos. Dois ficou com o pai. Eles brigaram e minha mãe foi embora comigo e meu irmão. Antes, meu pai me carregava na cacunda, me enchia de carinho, mas agora....

Os alunos se emocionaram com o depoimento e logo alguém sugeriu pra ele escrever uma carta para o pai, outro disse que deveria telefonar e pedir pro pai pegar ele na cacunda de novo. Na sua tristeza e saudade profunda, o aluno desabafou e disse que gostaria de ligar para seu pai.

Neste dia, conseguimos trabalhar o gênero das palavras, mas trabalhamos muito mais que isso. Trabalhamos solidariedade, respeito, amor, compaixão, amizade, conflitos de família e carência.

Este momento reflexivo fez com que os alunos realmente fizessem um paralelo com suas vidas, famílias e realidades, quase sempre tão semelhantes.

Há pais que , apesar de terem tempo, não conseguem “tempo para os filhos”, mas a maioria dos pais “sem tempo para nada” ainda conseguem fazer um tempo para seus filhos. Nós fazemos o nosso tempo(TIBA, 1996,,p.183)

Atualmente, pais e mães trabalham muito e acabam ficando a maior parte do tempo fora de casa. Assim, não encontram uma maneira de ficar com seus filhos.

TIBA, ainda reforça que os pais precisam encontrar um jeito, seja como for, de dar atenção para o filho no momento em que ele pedir.

O pai entende que tem que trabalhar para trazer alimento para casa e ponto final.

A mãe, sabe que além de trabalhar fora, organizar a casa e cuidar dos filhos , deve dar conta também da educação. Mas frustrada vê seus filhos sendo educados pela televisão e pelo computador pois ela não tem tempo.

O filho, em casa ou pelas ruas sente a ausência de carinho e de atenção e demonstra na escola toda esta problemática que o boneco Bruno trouxe a tona.

3.10. A despedida do Bruno



Imagem 7 : A despedida de Bruno

Dos meus vinte e cinco alunos, 11 são de pais separados, dois tem o pai falecido, um é órfão de mãe viva, mas mora com o pai e um afirma que a mãe e o pai dormem juntos, mas são separados (não entendi, mas nem quis questionar para não gerar mais confusão na cabecinha do menino). A realidade das famílias atuais é diferenciada do modelo de família que tínhamos há poucos anos atrás.

Segundo TIBA, a família de hoje é um núcleo afetivo, socioeconômico, cultural e funcional num espírito de equipe no qual convivem filhos, meio-filhos, filhos postiços, pais tradicionais-revolucionários-separados-recasados, o novo companheiro da mãe ou a nova companheira do pai.

A rapidez dos acontecimentos pode trazer como consequência uma fragilidade no desempenho do papel dos pais, principalmente da mãe, por essa assumir grande parte dos cuidados para com os filhos pois de acordo com SUSSMUTH (1988), os homens recusam assumir ou participar mais ativamente do trabalho doméstico e da educação dos filhos, com o argumento de que são menos aptos para essas atividades e que lhes falta uma profunda relação com a criança. A mãe diante de todas essas responsabilidades, acaba desempenhando o seu papel de forma frágil, sem reflexão e à medida que os filhos crescem por não os ter preparado para o futuro, não dão conta de supervisioná-los como quando eram menores.

Após todo o trimestre trabalhando ao lado do Bruno (boneco), chegamos ao final e com ele o momento da despedida do Bruno. Marcamos um encontro a noite na escola, Cada mãe ou pai trouxe um prato de doce ou salgado, um grupo trouxe refrigerantes e neste dia seria a entrega de avaliações juntamente com a retrospectiva dos acontecimentos do trimestre através do Power point que seria apresentado no Ambiente Informatizado.

A reunião iniciou exatamente às 19horas e 10 minutos. Os pais compareceram no total de 17 juntamente com seus filhos que somaram um total de 34 mais alguns irmãos menores em torno de seis. Claro que Bruno estava bem sentado prestando atenção em tudo e vestindo a camiseta do Brasil. Após a conversação com os pais sobre o rendimento de seus filhos, o método utilizado para a alfabetização, a responsabilidade com os temas e com os materiais escolares fomos para o Ambiente Informatizado onde assistimos o owerPoint e eu explicava as atividades que estavam sendo realizadas. Os pais sorriam encantados com as fotos e educadamente assistiram sentados com seus filhos no colo (faltaram cadeiras). Depois de assistirem e comentarem sobre a aquisição das fotos voltamos para a sala da reunião e conversamos um pouco sobre o trabalho realizado e que temos em mãos uma grande missão enquanto pais: ENSINAR ATRAVÉS DO EXEMPLO, COM AMOR E RESPEITO. Conversei sobre a importância da família, do diálogo, da paciência e da responsabilidade de cada um. Após todos os assuntos tratados, convidei a todos para irem até a mesa e cantar parabéns para o Bruno, afinal ele visitou a todos em suas casas e naquele momento era sua despedida, mas ele ainda ficou na secretaria para que os alunos pudessem visitá-lo quando sentirem saudade. Após os parabéns, todos se serviram e antes de irem embora, cada um deu um abraço no Bruno e recebeu uma foto de recordação.

Ao saírem da reunião, os pais conversaram sobre as descobertas que fizeram sobre si mesmos e sobre seus filhos no decorrer do trimestre.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao refletir sobre as visitas do boneco Bruno nas casas dos alunos, deparei-me com uma realidade familiar de pais ausentes, crianças com parâmetro de vida desigual ao modelo que conhecemos e sem grandes perspectivas de mudança de vida. Utilizei-me do boneco Bruno como forma lúdica de interagir e descobrir mais das peculiaridades da vida de cada um. Qual sua história de vida? Onde moram? Como vivem? Com quem vivem? Quantos fazem parte da família? Estas entre outras questões foram desenvolvidas durante o estágio.

Este percurso de investigações mostrou-me a necessidade da compreensão, do ouvir, do parar para conversar e assim poder desenvolver os objetivos propostos.

Fazer com que houvesse uma reflexão dos alunos sobre suas vidas, suas famílias e meio onde vivem fez com que cada um questionasse seu próprio jeito de ser, sua rotina de vida e o que esperam para o futuro.

A prática foi como um resumo geral do curso, mostrando-me como lidar com as diferenças, dificuldades e o desconhecido fortalecendo assim meu perfil enquanto profissional.

Através da prática de ensino onde utilizei o recurso “boneco Bruno”, foi possível resgatar o valor da família, identidade de cada um, assim como a própria família também teve oportunidade para pensar um pouco em como vivem através das reflexões vivenciadas.

Cada aluno, desenvolveu em sala de aula a confiança e o respeito com os demais colegas, facilitando assim o convívio e a liberdade de expressão.

Acredito que um dia, quando estes alunos estiverem na fase adulta terão em suas mentes o desejo de mudança de vida para melhor, sentindo-se capazes de ir em busca de novos caminhos e assim poderem desfrutar de uma vida menos sofrida e mais feliz.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL (1998) Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 3 vols.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **Educação para o lazer**. São Paulo; Moderna, 1998-(coleção polêmica)

FULMER, R.H. Famílias de baixa renda e famílias com formação profissional: uma comparação da estrutura e do processo de ciclo de vida. In: CARTER, B.; McGOLDRICK, M. **As mudanças no ciclo de vida familiar**: uma estrutura para a terapia familiar. Porto Alegre, 1995. cap. 22, p. 468-95.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia as Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996

KALOUSTIAN, Sílvio Manoug. (org). **Família Brasileira. A base de tudo**. UNICEF. Brasília: Editora Cortez, 2000.

LÚDICO. In. **DICIONÁRIO Escolar de Língua Portuguesa**. Paraná: Editora Positivo, 2006, p. 553.

NOLTE, Dorothy. **As crianças aprendem o que vivenciam**. Tradução de Maria Luiza Newlands Silveira.- Rio de Janeiro: Sextante, 2003

PINHO, Raquel. **O lúdico no processo de aprendizagem**. Disponível em: <http://www.webartigos.com/articles/21258/1/O-LUDICO-NO-PROCESSO-DE-APRENDIZAGEM/pagina1.html#ixzz11zaECnM>. Acesso em 15/10/2010.

REDIN, Euclides, **O espaço e o tempo da criança**. 3ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2000.

SUSSMUTH, R. A nova maternidade e os projetos de vida da mulher. In: SOLIZ, N. **A mulher no séc. XXI**: um estudo de caso, a Alemanha. São Paulo: Instituto Goethe, 1988.

TIBA, Içami. **Quem ama, educa**. 2ª ed. São Paulo: Gente, 2002

TIBA, Içami **Disciplina: o limite na medida certa**. São Paulo, Editora Gente, 1996.